

## **O RIO, A COLEÇÃO, A EXPOSIÇÃO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO TEXTO DE RONALDO FRAGA**

Cristina Matos Silva e Dias<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta o estudo de um texto do *site* da exposição de arte intitulada “Rio São Francisco navegado por Ronaldo Fraga”, considerando algumas discussões teóricas do professor francês Patrick Charadeau. Foram destacados conceitos fundamentais acerca do ato de linguagem, a partir de considerações semiolinguísticas e da teoria dos sujeitos da linguagem. Apontou-se também questões relevantes da organização do modo descritivo e, principalmente, do modo narrativo, amarradas às observações possíveis possibilitadas pelo texto em análise. Esse curso demonstrou a percepção dos papéis sociais e comunicativos dos envolvidos no contrato de comunicação, ressaltando a intencionalidade, o plano situacional e as múltiplas dimensões utilizadas para a compreensão a partir do escrito/lido.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Patrick Charadeau; Modo de organização narrativo e descritivo.

**Abstract:** This paper presents the study of the text of an art exhibition site entitled "São Francisco river navigated by Ronaldo Fraga". The study is based upon some theoretical discussions by the French teacher Patrick Charadeau. Fundamental concepts about the language act were highlighted, taking into account semiolinguistic considerations and the theory of language subjects. This study also pointed out relevant issues about the organization of the descriptive mode, and, mainly, the narrative mode, tied to the possible observations that the text of the study made possible. This course demonstrated the perception of social and communicative roles of those involved in the communication contract, emphasizing intention, the situational plan and the multiple dimensions used for understanding what is written/read.

**Keywords:** Discourse analysis; Patrick Charadeau; Narrative and descriptive modes organization.

### *Considerações Iniciais*

As Teorias Contemporâneas do Discurso fundamentam-se em estudos que revisam e ampliam a noção dos fatores envolvidos numa situação comunicativa. Contemporaneamente, inúmeras questões sobre esses processos são consideradas, e compreender as circunstâncias do ato de linguagem, percebendo que os sujeitos se desmembram em papéis sociais e discursivos, é imprescindível.

---

<sup>1</sup> Docente no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM- *Campus* Patos de Minas). Licenciada em Letras (UNIPAM) e Artes (UNIMONTES). Mestre em estudos de linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG). e-mail: [cristinamatos@iftm.edu.br](mailto:cristinamatos@iftm.edu.br).

Tratar das Teorias Contemporâneas do Discurso, então, é investigar os pressupostos teóricos, metodológicos e filosóficos dos principais modelos de análise do discurso, considerando o panorama atual. Esse terreno complexo se sustenta através de fundamentações do discurso, enunciação, polifonia, pragmática, semiolinguística, dentre outros campos de saberes. Nesse trajeto, inúmeros teóricos contribuíram para que, na contemporaneidade, novas teorias subsidiassem diversas facetas comunicativas. Bakhtin, Benveniste, Ducrot, Charradeau, Maingueneau são nomes de autores de textos e estudos considerados fundadores para a compreensão da dinâmica discursiva.

Centrando na análise do discurso do francês Patrick Charadeau algumas postulações teóricas são evidenciadas, trabalhadas e exemplificadas pelo teórico. Professor na Universidade de Paris-Nord é considerado uma das maiores autoridades em análise do discurso, lançando obras significativas no assunto, como: *Discurso das Mídias, Dicionário da Análise do Discurso, Linguagem e Discurso*, dentre outras. Suas obras e seus ensinamentos inserem-se na busca de uma construção teórica, através de um modelo multidimensional, da compreensão da realidade social, focada no ato de linguagem.

Neste artigo, a partir de um texto escolhido, será feita uma análise à luz da teoria de Charadeau, considerando alguns de seus modos de organização textual, abordagens semiolinguísticas e conceitos específicos usados pelo teórico, aplicáveis na análise em questão.

A amplitude investigativa de Patrick Charadeau pretende elucidar um plano bidirecional, levando em consideração o sujeito, suas intenções, preferências, estratégias, dentre outros fatores. O pesquisador foca que não há ato de linguagem que não venha com o sujeito e que este sujeito possui uma dupla identidade: é um ser social e é um ser discursivo. Seu compromisso é com a dimensão da interação social; sua defesa é que no encontro com o outro, o discurso se constrói. Ademais, os sujeitos, em Charadeau, “são caracterizados como tendo um ‘projeto de fala’, ou seja, objetivos mais ou menos claros que os motivam na construção de seus discursos e que são perseguidos estrategicamente” (NOGUEIRA, 2005, p. 2). Essas postulações auxiliarão no desenvolvimento deste estudo.

### *O texto em análise*

O texto para análise foi retirado do sítio: <http://saofranciscoronaldofraga.com.br/> e faz parte da apresentação do *site* que traz informações sobre a exposição “Rio São Francisco navegado por Ronaldo Fraga<sup>2</sup>” montada em 2010 pelo estilista mineiro. Há, nessa exposição, o olhar de Ronaldo sobre o imaginário que cerca as histórias em torno do “Velho Chico”<sup>3</sup>, vinculada a uma vertente artística e também educacional, uma vez que a história, a cultura, com ênfase no folclore, é transparecida a partir das instalações criadas.

Antes, porém, da montagem da exposição, Ronaldo lançou a coleção de moda “Rio São- verão 2008-2009”. Nesta coleção, o estilista apresentou a atmosfera ribanceira. O entrecruzamento entre moda e arte se deu para que uma experiência cultural de caráter mais intimista se manifestasse. A coleção apresentou um mergulho num universo permeado por belezas, memórias, lendas, costumes populares e denúncias pelo olhar sensível de Ronaldo Fraga.

Depois, após parcerias com empresas e o Ministério da Cultura, a exposição itinerante pôde ser conhecida por muitos brasileiros. Várias pessoas puderam (re)conhecer a cultura ribeirinha dos cinco estados banhados por um dos rios mais importantes do nosso país: o Rio São Francisco.

O *site*, ferramenta midiática, possui fotos, imagens, grafismos desenhados pelo *designer* de moda e algumas opções de *links* para que o curso das informações acerca da exposição e, de certa forma, da coleção, seja melhor reconhecida. O texto em análise e reproduzido abaixo está no *link*: <http://saofranciscoronaldofraga.com.br/>, situado após algumas informações elementares de datas da exposição, configurando, assim, como a parte da abertura do *site*.

“Desde a infância, minhas memórias são banhadas pelas águas do São Francisco. Meu pai, que nem “barranqueiro” era, vivia pescando por aquelas “bandas”. Sua volta era

---

<sup>2</sup> Ronaldo Fraga é um estilista-artista de Minas Gerais que vem se consagrando como um autêntico “contador de histórias”, por agregar narratividade às suas coleções. Para se contar histórias é preciso informação, conhecimento, imaginação e apego a detalhes que juntos formam uma colcha de retalhos. O contexto de criação de Fraga entrelaça urdiduras que articulam funções, intenções e sentidos. Seu mergulho em um tema permite muito mais do que um simples contar histórias, permite a criação de narratividade imbuída de experiências estéticas e profusão de conhecimento cultural, em especial de nosso país e cânones da arte. Para saber mais sobre o estilista, acesse: [www.ronaldofraga.com.br](http://www.ronaldofraga.com.br).

<sup>3</sup> A expressão “Velho Chico” é usada carinhosamente para se referir ao rio São Francisco descoberto por Américo Vespúcio. É um dos rios mais importantes da América do Sul. Ele rasga o Brasil passando por cinco estados brasileiros. O cenário do “Velho Chico” fez-se presente em textos de escritores famosos como João Guimarães Rosa.

sempre uma festa, quando ele trazia surubins gigantes, lendas e casos do mágico universo ribeirinho. Eram histórias e estórias, cultura, música, gente e bicho em cada conto trazido de lá. Meus sonhos eram povoados por caboclos d'água, uiaras, tutumarambás, serpentes do rio... Eu já tinha a certeza de que o São Francisco é mais que um rio. Em 2008, satisfazendo antigo desejo, escolhi o “Velho Chico” como objeto de pesquisa para a coleção de verão 2009. Seria a desculpa para ir ao encontro a um universo que eu já conhecia das histórias e da literatura. PIRAPORA, CARRANCAS, GAIOLAS a VAPOR , BOM JESUS DA LAPA, PIRANHAS E LAJEDO, PETROLINA E JUAZEIRO... palavras que no meu imaginário chegavam como um afago, agora se tornavam mundo real. Por três meses viajei e me embebi das águas e da cultura do rio. A coleção foi colorida com as cores barranqueiras, com os pontos e bordados característicos do universo às margens do rio, com as imagens das texturas das sacas de café e tábuas de madeira de lei que remendam os barcos e a alma ribeirinha...

Lançada a coleção, na sequência, a desfilamos no Chile e no México e o universo gráfico da mesma foi exposto no MOT, Museu de Arte Contemporânea de Tóquio. Outras coleções vieram, mas como dito pelos ribeirinhos “uma vez que se bebe da água do rio, o rio nunca mais sai da gente”. Passados dois anos, realizamos agora outro grande projeto: transportar parte da magia do São Francisco para uma exposição itinerante que circulará em pelo menos doze cidades do Brasil. É um diálogo entre a minha narrativa de moda e a rica cultura do rio que mais desperta afeto entre os brasileiros. As “águas” do São Francisco não cabem em uma só coleção de moda, em um só livro e muito menos em uma única exposição, portanto essa não é uma mostra de acervo. São instalações costuradas entre a moda e a cultura ribeirinha. Caminharemos por um convés imaginário, como o do vapor Benjamim Guimarães, observando o universo gráfico dos mercados populares, das carrancas e da arte popular; as histórias de amor de idas e vindas dos caixeiros viajantes; as cidades submersas pelo progresso desenvolvimentista... Tudo numa vasta ciranda amorosa em torno do “Velho Chico”.

Ronaldo Fraga, outubro de 2010.

Considerando que “o texto é o resultado singular de um processo que depende de um sujeito falante particular e de circunstâncias de produção particulares (...); é atravessado por vários discursos ligados a gêneros ou a situações diferentes.”

(CHARADEAU, 2001, p.25) percebemos que, nesse caso, há um cruzamento entre vários discursos. O discurso midiático, o discurso literário, o discurso da moda, o discurso artístico –com grande ênfase na memória, nas recordações, nas histórias e estórias– justificam o interesse de criação com esse tema. Os modos de organização textuais também se mesclam, sendo ora narrativo, ora descritivo. Nessa perspectiva múltipla, o texto se constrói. Nesse ínterim, é importante compreender o que Charadeau (2001) diz sobre o que é discurso. Para ele, o discurso ultrapassa os códigos de manifestação linguageira na medida em que é o lugar da encenação do significado. Cada texto, então, é atravessado por vários discursos ligados a gêneros ou a situações diferentes.

Há um sujeito- escritor que, como lembra Charadeau (citado por Machado et al, 2005), tem

“[...] um determinado projeto de escritura e que, para concretizá-lo, organiza seu ato de linguagem, transformando-o em ato de escrita literária, ato este que é, por sua vez, dirigido a um leitor ‘imaginado’ pelo escritor, leitor capaz de compreender o contrato literário [que lhe é proposto].”

Nesse caso, o ato de linguagem que se apresenta escrito foi muito bem organizado por partes. Inicialmente, há o foco da coleção de moda realizada em 2008 por Fraga, o que impulsionou a temática escolhida, como ela foi engendrada e a sua repercussão. Depois, o foco é a exposição com descrições que remetem a visualidades. Porém, apesar de falar da exposição de arte, o discurso da moda é instaurado nesta parte, já que há a explicitação: “é um diálogo entre a minha narrativa de moda e a rica cultura do rio que mais desperta afeto entre os brasileiros.” Nomenclaturas próprias desse discurso (costuradas, estampadas, universo gráfico) permeiam o texto e se misturam a outros discursos, não propriamente os do mundo *fashion*. Por fim, o texto se estrutura como um convite que implicitamente e explicitamente joga com palavras poéticas e com a credibilidade que o estilista Ronaldo Fraga tem para edificar um projeto assim. Posto isso, nos estudos de Charadeau há um direcionamento de que o ato de linguagem realiza-se dentro de um tipo específico de relação, ligando-se ao plano situacional. Aqui, é importante pensar na identidade dos parceiros (quem diz/para quem é dito) e em que circunstâncias o plano comunicacional se constrói.

Nesse discurso, o estatuto de quem enuncia é de um estilista consagrado no campo da moda, que está no território da criação desde os anos 90 com formação

superior. Graduado na área de Belas-Artes, formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, possui também cursos de especialização fora do país. Conhecido por abordar temáticas nacionais, em especial, mineira e popular em suas coleções de moda, é um diagnosticador cultural, considerado pela crítica como um contador de histórias. A narratividade, mostrada a partir de algum tema, é comprovada pelas suas criações. Desta feita, transformar uma coleção numa exposição com diversas instalações da mesma temática é um processo reconhecido no campo da criação.

Do outro lado, está o leitor que já estabelece o contrato de comunicação, apresentando expectativas quanto ao que será lido. Inicialmente, é fundamental destacar que esse texto não está vinculado em mídias de abrangente alcance e sim num *site* específico que pressupõe um público específico: o da arte e o da moda. Interessante pontuar que, apesar de sua impressão inicial, o público que poderá participar desse contrato comunicativo e efetivamente conhecer a exposição poderá ser múltiplo, visto a temática ser de cunho popular, regional. Há um jogo com o imaginário, crenças que traz uma dualidade no texto: um tema popular proporcionou uma exposição contemporânea e, principalmente, o encadeamento das informações retratou um contexto particular que ganhou uma dimensão mais universal, podendo produzir sentidos naqueles que não conhecem o rio e a cultura ribeirinha. A estrutura mostrada no decorrer do intercâmbio linguageiro (cf. Charadeau, 2001) se transveste de uma identidade individual (o que motivou a realização da coleção/exposição) e de uma identidade coletiva (é um assunto de uma região extensa do país). Ademais, faz-se necessário destacar que como qualquer convite, mesmo não estando numa estrutura padrão deste tipo de texto, o escrito apresenta, através de palavras estrategicamente usadas, o tom persuasivo.

A situação de comunicação é colocada entre um scriptor/leitor já que a comunicação é não-dialógica, considerando o canal escrito e não oral (Charadeau, 2001), ou seja, a relação contratual que atesta a encenação linguageira não é dinâmica, não permite interações ativas, pautadas em um locutor/interlocutor com perguntas/respostas, com ordens/cumprimentos, por exemplo. Contudo, há uma combinação entre o dizer e o fazer, através de amarramentos de discursos que contam com efeitos estratégicos comunicativos, considerando determinações situacionais. Como exemplo aqui, percebemos que a narração construída em primeira pessoa (ora do singular, ora do plural), enfoca que a temática é um interesse particular, mas apresenta

também uma voz do sujeito no sentido coletivo. Além disso, ainda numa leitura global, é possível perceber que a representação de práticas sociais e imaginárias da comunidade ribeirinha é o que alicerçou a coleção e também a exposição, apresentando componentes que justificam o lugar do fazer psicossocial. O discurso é saudosista. Fraga trabalhou com um rio brasileiro (é mais do que um rio), que é especial para Minas Gerais; trabalhou com a memória; com aspectos culturais pertinentes a essa região.

### *Modos de Organização*

Atentando-se à estrutura do que foi apresentado para que a finalidade discursiva se construa, é fácil perceber que o texto se organiza a partir do modo narrativo, mas permeado de partes descritivas.

De uma forma geral, Charadeau assinala que se usa mais o modo narrativo para seduzir. Através de um esquema que narra apresenta-se um objeto e/ou uma ideia, tentando mostrar que aquele objeto é o ideal. O tom poético, o discurso persuasivo pode fazer parte desse modo de organização, pautado nesses pressupostos.

A encenação narrativa, nesse caso, é de um fato verídico, mas que não necessariamente conta, ou seja, não faz somente a descrição de uma sequência de ações, como assinala Charadeau (2008). Mais especificamente o teórico postula que para que haja narrativa,

é necessário um ‘contador’ (que se poderá chamar de narrador, escritor, testemunha, etc.), investido de uma intencionalidade, isto é, de querer transmitir alguma coisa (uma certa representação da experiência do mundo) a alguém, um determinado ‘destinatário’ (que poderá ser chamado de leitor, ouvinte, espectador, etc.), e isso, de certa maneira, reunindo tudo aquilo que dará um sentido particular a sua narrativa. (CHARADEAU, 2008, p. 153)

Nesse caso, temos o ‘contador’, ‘escritor’, ‘testemunha’ Ronaldo Fraga mergulhado na experiência de ter vivenciado diferentes momentos e sensações da cultura ribeirinha, evidenciando os motivos que impulsionaram a montagem da coleção/exposição de arte, como explicitado na parte inicial: “Desde a infância, minhas memórias são banhadas pelas águas do São Francisco. Meu pai, que nem “barranqueiro” era, vivia pescando por aquelas “bandas”. Sua volta era sempre uma festa, quando ele trazia surubins gigantes, lendas e casos do mágico universo ribeirinho.

Eram histórias e estórias, cultura, música, gente e bicho em cada conto trazido de lá. Meus sonhos eram povoados por caboclos d'água, uiaras, tutumarambás, serpentes do rio...”.

O leitor, durante a apresentação do texto e sequência de acontecimentos, se assegura de que há a transmissão de um contexto representativo. Expressões, verbos no pretérito e algumas marcas de temporalidade como: “Desde a minha infância”, “Meus sonhos eram”, “Eu já tinha certeza”, “Em 2008”, “Por três meses viajei”, “A coleção foi colorida”, “Lançada a coleção, na sequência”, “Passados dois anos” orientam fatos que aconteceram e que respaldaram o convite para que os leitores se interessem em conhecer o projeto da exposição das instalações. Essas expressões auxiliam a atestar o que Charadeau diz sobre a função do narrativo: “O Narrativo, leva nos a descobrir um mundo que é construído no desenrolar de uma sucessão de ações que se influenciam umas às outras e se transformam num encadeamento progressivo” (CHARADEAU, 2008, p. 157).

Ainda, é significativo pontuar que o texto de abertura do *site* possui uma organização da lógica narrativa tal como o teórico francês apresenta. Para ele,

A organização da lógica narrativa está voltada para o mundo referencial, mas é preciso não considerá-la como fonte primeira, nem estrutura universal do universo contado; ela é uma espécie de épura, resultado da projeção sobre um plano (a história) de algumas das constantes da manifestação semântica da narrativa, que permite descobrir por contraste os procedimentos da encenação narrativa. (CHARADEAU, 2008, p. 158)

E completa que

A encenação narrativa constrói o universo narrado (ou contado) propriamente dito, sob a responsabilidade de um sujeito narrante que se acha ligado por um contrato de comunicação ao destinatário da narrativa. Esse sujeito age ao mesmo tempo sobre a configuração da organização lógico-narrativa e sobre o modo de enunciação do universo narrado jogando com a sua própria presença. (CHARADEAU, 2008, p. 158)

O fato de testemunhar o universo ribeirinho estando presente no lugar, de criar a coleção de moda em 2008 e, posteriormente, a exposição feita em 2010, são momentos que joga com a presença do narrador e com a organização da lógica narrativa do texto em análise. O contrato de comunicação se firma no momento em que o leitor tem o processo narrativo e a possibilidade de testemunhar todo o universo explorado que envolve o rio, a moda e a arte: “É um diálogo entre a minha narrativa de moda e a rica



cultura do rio que mais desperta afeto entre os brasileiros. As ‘águas’ do São Francisco não cabem em uma só coleção de moda, em um só livro e muito menos em uma única exposição, portanto essa não é uma mostra de acervo. São instalações costuradas entre a moda e a cultura ribeirinha”; essa parte evidencia essa colocação.”

Ademais, a respeito do princípio de organização narrativa, Charadeau (2008, p. 165) afirma que “a narrativa só tem sentido por estar relacionada a um encadeamento de motivos dirigidos a um fim, o qual se inscreve num projeto humano. É por essa razão que os acontecimentos se definem segundo um princípio de intencionalidade (ou de motivação)”. Por isso, Fraga separa em algumas partes toda a estrutura apresentada, começando por narrar as memórias da época de criança, passando pela ida ao encontro com o universo ribeirinho, justificando a montagem da coleção de moda e, posteriormente, da exposição de arte, findando com a promessa do que a exposição apresentará: “Caminharemos por um convés imaginário, como o do vapor Benjamim Guimarães, observando o universo gráfico dos mercados populares, das carrancas e da arte popular; as histórias de amor de idas e vindas dos caixeiros viajantes; as cidades submersas pelo progresso desenvolvimentista... Tudo numa vasta ciranda amorosa em torno do ‘Velho Chico’”. Decorre daí, a sucessão de ações que produz a coerência em apresentar uma abertura e um fechamento para o texto.

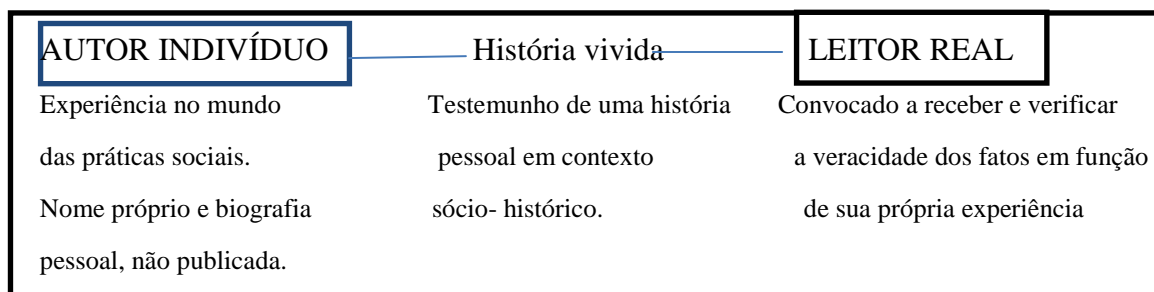
Os procedimentos de configuração da lógica narrativa são considerados por Charadeau como o resultado de um processo, fundamentando elementos como intencionalidade, coerência, encadeamento e localização. Basicamente, a rápida exposição feita até o momento já trouxe dados sobre esses aspectos. Agora, é interessante pontuar que a narração impõe um ritmo. Quando é lido: “Seria a desculpa para ir ao encontro a um universo que eu já conhecia das histórias e da literatura. PIRAPORA, CARRANCAS, GAIOLAS a VAPOR, BOM JESUS DA LAPA, PIRANHAS E LAJEDO, PETROLINA E JUAZEIRO... palavras que no meu imaginário chegavam como um afago, agora se tornavam mundo real.”, o encadeamento que se faz após a abertura do texto produz um efeito de expansão. Nesse caso, Charadeau assegura que

A expansão produz-se por meio de uma interrupção narrativa, quando um desenvolvimento sequencial se detém, imobilizando (provisoriamente) o ritmo narrativo e dando lugar a uma descrição, ou a uma sucessão encaixada

de ações breves e rápidas, com o objetivo de produzir um efeito de cena, de atmosfera, de detalhe. (CHARADEAU, 2008, p. 181)

A sequência de palavras juntamente com o efeito em caixa alta produz esse ritmo expandido, que faz com que o leitor desacelere a enunciação e procure pensar sobre os sentidos que essas palavras possuem para o contexto mostrado.

Como a maior parte do objeto analisado se concentra na encenação narrativa, por fim é fundamental organizar que esse contrato comunicativo se estabelece a partir do quadro instituído por Charadeau:



(CHARADEAU, 2008, p. 185)

O autor-indivíduo mergulhou na experiência de por três meses estar imerso nas práticas sociais do Rio São Francisco, logo é quem assina o texto: Ronaldo Fraga. Testemunhou, a partir de um contexto sócio-histórico, uma leitura pessoal da cultura ribeirinha e, através do texto escrito, convoca o seu leitor a verificar o que foi visto, porém de outra forma, através da experiência artística.

O teórico francês afirma que

um texto é sempre heterogêneo, do ponto de vista de sua organização. Ele depende, por um lado, da situação de comunicação na qual e para a qual foi concebido e, por outro lado, das diversas ordens de organização do discurso que foram utilizadas para construí-lo. (CHARADEAU, 2008, p. 109)

Além disso, é comum que caracteres de designação, quantificação e apresentação podem ser de ordem tanto descritiva quanto narrativa. A exposição do modo narrativo feita acima compreendeu praticamente a totalidade do texto. Porém, baseado na afirmação de Charadeau (2008) de que enquanto contar consiste em expor o que é da ordem da experiência e do desenvolvimento das ações no tempo, e cujos protagonistas são os seres humanos; descrever consiste em ver o mundo com um olhar

parado que faz existir os seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam. Em: “A coleção foi colorida com as cores barranqueiras, com os pontos e bordados característicos do universo às margens do rio, com as imagens das texturas das sacas de café e tábuas de madeira de lei que remendam os barcos e a alma ribeirinha...”, Fraga soube anestesiá-los, utilizando um jogo de palavras que remetem a uma visualidade. As locuções adjetivas, responsáveis pelas informações que descrevem melhor a coleção/exposição, trataram de criar um plano gráfico relativo aos prováveis tecidos, estampas, instalações baseados na cultura daqueles que vivem à margem do Velho Chico. Além disso, há o uso de componentes comuns do modo descritivo, tais como: nomear – Ronaldo Fraga, Vapor Benjamim Guimarães, Velho Chico, Carrancas, Gaiolas a Vapor; MOT, etc. localiza/situar – Bom Jesus da Lapa, Piranhas, Petrolina, Juazeiro, Rio São Francisco; Chile, México, etc.; qualificar – mercados populares; arte popular; caixeiros viajantes; surubins gigantes; mágico universo, etc.

Assim, o texto apresenta diferentes recursos também do princípio descritivo, uma vez que como sinaliza Charadeau (2008), o descritivo se envolve com os procedimentos de identificação e de construção objetiva, subjetiva do mundo. Nesse caso, os processos de construção objetiva/subjetiva permitiram uma leitura que demarca os elementos nomeados, localizados e qualificados do texto a partir do olhar do estilista mineiro. Essas construções se misturam, pois o mundo descrito existe, porém ele ganha uma dimensão poética a partir do ‘estado de alma’ daquele que o observa.

### *Considerações finais*

São inúmeros os compromissos teóricos discutidos ao longo das publicações do teórico francês Patrick Charadeau. Lúcido nos seus esquemas que representam o ato de linguagem e nas suas afirmações que postulam que a comunicação se estabelece através de uma intencionalidade, num plano situacional e com mecanismos de alteridade, Charadeau nos permite visualizar novas teorias contemporâneas do discurso.

Este estudo se encarregou de uma análise de um texto escolhido considerando alguns aspectos teóricos elucidados pelo pesquisador. Não compreendeu, portanto, todas as possibilidades analíticas aplicáveis ao escrito, visto o legado de pesquisas e

modelos de ensino de Charadeau e a configuração do texto escolhido - que permite uma leitura mais ampla. Contudo, centrou-se em pontos cruciais com foco numa leitura multidimensional com pontos da Teoria Semiolinguística, dos Sujeitos da Linguagem, Modo de Organização descritivo e, sobretudo, Modo de Organização narrativo.

Esse procedimento levou à percepção dos papéis sociais, centrado num scriptor/leitor que traz uma leitura de mundo a partir de uma experiência de prática social. O contrato comunicativo se organiza em torno de modos enunciativos que destaca o plano linguístico (demarcado principalmente pelo descritivo) e pelo plano situacional (evidenciado pelo narrativo).

A comunicação se constrói através de uma intencionalidade socialmente condicionada que trata do convite para que os leitores conheçam o trabalho de Fraga. Antes, no entanto, os vários discursos usados tratam de narrar, descrever e atestar articulações para que o texto não seja apenas um mero convite. Uma dimensão mais universal apresenta um contexto regional que se direciona a um público também amplo, não necessariamente interessando somente em moda e/ou arte. Os discursos da moda, midiático (está em um suporte tecnológico), literário e artístico (pela poeticidade que permeia a construção narrativa e descritiva), usados nesse ato de linguagem asseguram que o leitor que irá à exposição poderá conhecer, fruir e valorizar aspectos culturais que tem tanto a dizer.

### *Referências*

CHARADEU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD-FALE/ UFMG. 2001.

\_\_\_\_\_. Modo de organização narrativo. In: Charadeau, P. *Linguagem e discurso – modos de organização*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Modo de organização descritivo. In: Charadeau, P. *Linguagem e discurso – modos de organização*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MACHADO, Ida Lúcia. Algumas considerações sobre a teoria semiolinguística de Patrick Charadeu. In: Machado, I.L. et al. *Movimentos de um percurso em Análise do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2005.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. *Considerações sobre o modelo de análise do discurso de Patrick Charadeau*. 2005. Disponível em: <

DIAS, Cristina Matos Silva. O rio, a coleção, a exposição: uma análise do discurso do texto de Ronaldo Fraga. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 34 - 46, 2015. (ISSN 2317-1006 - online).

[www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/.../120](http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/.../120)> Acesso em 10 de agosto de 2012.

FRAGA, Ronaldo. <http://saofranciscoronaldofraga.com.br/>. Acesso em 16 de maio de 2012.

Recebido em janeiro de 2015.

Aceito em outubro de 2015.